

FUNÇÃO COGNITIVA DE IDOSOS DA ACADEMIA DA MELHOR IDADE¹

Taylane Maria Sousa Viana*; **Jaqueline de Araújo Moura***; **Emanuel Nogueira de Souza****;
Adriano Filipe Barreto Grangeiro***.

**Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFT – Câmpus de Tocantinópolis –
tayviana@uft.edu.br / jaquemoura@uft.edu.br*

***Licenciatura em Matemática. Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas. Professor da UFT
– Câmpus de Arraias - emanuelnog@hotmail.com*

****Licenciatura em Educação Física. Mestre em Saúde do Adulto e da Criança. Professor da UFT
– Câmpus de Tocantinópolis – filipe@uft.edu.br – Orientador.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT.

RESUMO

O aumento do número de idosos no século XXI vem crescendo de forma acentuada e conseqüentemente elevando-se ao aumento proporcional da perda da função cognitiva. Objetivou-se identificar alterações cognitivas de idosos inseridos na Academia da Melhor Idade. Trata-se de estudo transversal, de caráter descritivo, realizado com idosos de gêneros distintos, através de entrevistas, utilizando a Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa e aplicando três testes cognitivos. O Mini Exame de Estado Mental, estava abaixo do ponto de corte; o teste de Fluência Verbal e Teste do relógio mostraram-se alterados. Quando correlacionados os idosos apresentaram pelo menos um teste alterado e alteração nos três testes realizados. A Pedagogia poderá contribuir na estimulação da memória evitando a exclusão deste sujeito na sociedade, inserindo o Pedagogo em espaços não formais proporcionando uma velhice ativa e participativa por um período mais longo, tendo como foco a Gerontologia Educacional, na perspectiva de provocar transformações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Função Cognitiva. Educação.

INTRODUÇÃO

O estudo do processo de envelhecimento é muito complexo, abrangendo diferentes áreas da ciência. Embora sendo de interesse comum a todos os seres humanos, a sistematização desse processo é muito recente. Nas últimas décadas as pesquisas sobre envelhecimento vêm ganhando cada vez mais espaço no mundo científico, conseqüência do progressivo aumento no número de idosos no mundo (PRADO; SAYD, 2006).

No Brasil, a previsão é que o número de idosos triplique de hoje até 2050 - passando de 24 milhões para 64 milhões. Por essas previsões, a proporção de pessoas mais velhas no total da população brasileira passaria de 12%, em 2012, para 29%, em 2050 (FPNU, 2012).

O envelhecimento normal engloba um declínio gradual nas funções cognitivas, dependentes de processo neurológicos que se alteram com a idade. As perdas de memória,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia.

principalmente nas que se reflete em dificuldade para recordar nomes, números de telefones e objetos guardados, são as que mais chamam a atenção das pessoas (FREITAS, 2011).

A função cognitiva sofre alterações com o envelhecimento devido modificações ocorridas no Sistema Nervoso Central (SNC). A partir da terceira década de vida ocorre uma perda neuronal com conseqüente declínio do desempenho cognitivo. Alguns aspectos da função cognitiva são mais suscetíveis à senescência, incluindo a atenção, as memórias de curto e de longo prazo, além do executivo central (GURGEL, 2010)

Na área da Gerontologia Educacional, no Câmpus de Tocantinópolis, percebe-se que esta temática tem sido pouco discutida e o aumento de pessoas idosas nesta cidade tem aumentado com a presença elevada de doenças crônicas degenerativas levando-os a déficits funcionais e cognitivos e conseqüentemente perda da autonomia e independência funcional.

Diante da relevância do tema, buscou-se identificar a presença ou não das alterações cognitivas em idosos da Academia da Melhor Idade no Norte do Tocantins e refletir sobre a contribuição da pedagogia na função cognitiva de tal grupo a fim de evitar exclusão deste sujeito na sociedade, nos espaços voltados para o processo educacional, e em debates e discussões sobre a temática.

1 REVISÃO DA LITERATURA

O envelhecimento normal engloba um declínio gradual nas funções cognitivas, dependentes de processo neurológicos que se alteram com a idade. As perdas de memória, principalmente nas que se reflete em dificuldade para recordar nomes, números de telefones e objetos guardados, são as que mais chamam a atenção das pessoas (FREITAS et al., 2011).

Durante o processo do envelhecimento, 15% das pessoas desenvolvem inicialmente incapacidade cognitiva progressiva. Desse total, mais ou menos 5% das pessoas acima de 65 anos e 20% acima de 80 desenvolvem demência de grau moderado a grave (GURIAN et al., 2012)

Individualmente, o declínio cognitivo tem um impacto relevante sobre qualidade de vida e está associado com um risco mais elevado para as limitações funcionais e dependência de terceiros (VAN UFFELEN *et al*, 2008).

De acordo com Veras (2003), a educação seria facilitadora para manutenção da capacidade funcional do idoso e no envelhecimento com qualidade de vida. A educação para o envelhecer estaria atrelada à saúde, no sentido de promover maior acesso a cuidados médicos, estimulando comportamentos saudáveis e atividades mentais e cognitivas para a prevenção de doenças, como o Mal de Alzheimer.

O idoso está buscando o aperfeiçoamento de suas qualificações, quebrando barreiras e rompendo aquela velhice conservadora, enfim, buscando seus sonhos e desenvolvendo a saúde mental (FREITAS *et al*, 2002)

A educação é um típico “que fazer” humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida. “A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social.” (LUCKESI, 2001, p.30).

Aprender é entender, compreender e autocompreender-se. Orientar a aprendizagem das pessoas idosas deve ter como pressuposto permitir que cresçam e deem solidez às perspectivas resultantes da experiência, que melhorem a autoestima, a qualidade de vida e suas relações sociais conquistando um bom nível de independência e de autodeterminação subjetiva e social tornando-se mais flexíveis e abertos à mudança (CACHIONI; PALMA, 2006).

Contudo os programas educacionais voltados para essa população precisarão ir além do social e cultural e conduzir a consciência de cidadania, despertando o interesse no processo político de participação por perceber que os problemas do cotidiano podem ser resolvidos pelos canais sociais que a democracia torna acessíveis a todos (SILVA, 1998).

Para a pessoa idosa, a inclusão num programa educativo não é apenas uma oportunidade de reciclagem intelectual, mas, sim, uma possibilidade de dialogar e participar com seus iguais na construção do seu próprio processo formativo (CACHIONI; PALMA, 2006).

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi estimada para esta pesquisa uma amostra de 200 idosos, porém fizeram parte desta amostra 50 idosos da Academia da Melhor Idade (AMI) em virtude dos demais estarem com algum tipo de doença, por mudança de domicílio, por óbito e por consulta médica em outra cidade.

A classificação quanto ao gênero revelou que 84% dos entrevistados são mulheres no grupo pesquisado e somente 16% de homens. A maior faixa etária dos entrevistados foram de 60 a 65 anos, correspondendo a 34 %. A cor parda foi a mais referida com 48% dos pesquisados

Os resultados dos testes para detecção de alterações cognitivas separadamente encontram-se representados na tabela 1. No Mini Exame do Estado Mental, 22% estavam abaixo do ponto de corte. No teste de fluência verbal, 26% mostraram-se alterados. Na aplicação do teste do relógio observou-se 56% com teste alterado. Quando correlacionado o MEEM com a escolaridade, 16% estavam classificados abaixo do ponto de corte, ou seja, apresentando alteração cognitiva.

Tabela 1 – Resultado dos testes para avaliação de alterações cognitivas dos 50 idosos da Academia da Melhor Idade (AMI) em Tocantinópolis, Tocantins, 2016.

Variável (n=50)	N	%
-----------------	---	---

MEEM		
Normal	39	78,0
Alterado	11	22,0
MEEM/Escolaridade		
Normal	42	84,0
Alterado	8	16,0
Fluência Verbal		
Normal	37	74,0
Alterado	13	26,0
Teste do Relógio		
Normal	22	44,0
Alterado	28	56,0

Gurian et al (2012) em um estudo realizado em Batatais, município de São Paulo, encontrou resultado semelhante a este quando aplicou o MEEM, onde 18,3% dos testes indicaram alterações cognitivas.

No estudo de Machado et al (2011) que avaliou o estado mental de 74 idosos com 60 anos ou mais frequentadores de um programa da Prefeitura do município de Viçosa, demonstrou que os idosos com menos escolaridade mostraram uma menor função cognitiva.

Esta questão não se pode elucidar neste estudo realizado, pois os indivíduos independente da escolaridade não demonstraram diferenças no resultado do MEEM, sendo que no estudo todos os indivíduos praticam atividade física regularmente.

Alguns autores afirmam que, quanto maior o nível de escolaridade, mais difícil o desenvolvimento de quadros demenciais, como a doença de Alzheimer. Indivíduos com baixa escolaridade apresentariam maior predisposição a desenvolver quadro demencial. A escolaridade exerce um papel importante sobre o desempenho em tarefas neuropsicológicas e na organização cerebral e é fator protetor para patologias neurológicas, além de ser um indicador preciso por estar relacionado às possibilidades de acesso aos serviços de saúde, emprego, ao trabalho remunerado e a uma adesão aos programas sanitários e educacionais, enquanto o analfabetismo causa susceptibilidade maior à dependência. A educação influencia de forma significativa os resultados do MEEM, ou seja, quanto maior o nível de escolaridade, maiores escores ele atinge (FARIA; SILVA; FARIAS; CINTRA, 2011, p. 1751).

Dos idosos estudados neste estudo, 60% apresentaram pelo menos um teste alterado e 12% apresentaram alteração nos três testes realizados.

Naqueles idosos em que há suspeita de declínio cognitivo leve, ou seja, demência ou comprometimento cognitivo leve, o uso combinado de testes é recomendado (HOLSINGER et al, 2007).

Por ser a memória uma das funções cognitivas essenciais para a vida, se faz importante mantê-la para ter-se um envelhecimento saudável, sendo necessário o estudo de intervenções que

retardem os declínios normativos ou em demências, com o objetivo de assegurar um desempenho razoável e favorecendo a gestão da própria vida (DIAS, 2012).

As oportunidades educacionais são apontadas como importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, justamente por intensificarem os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimento e por promoverem o aperfeiçoamento pessoal (NERI; CACHIONI, 1999).

Pode-se afirmar que a sociabilidade e educação são dois maiores responsáveis pela promoção do envelhecimento saudável e, como consequência, pela melhora da qualidade de vida (QUEIROZ; PAPALÉO NETTO, 2007)

CONCLUSÃO

Após análise dos dados deste estudo, percebeu-se alteração cognitiva nos testes aplicados, porém os idosos apresentaram uma pontuação importante nos mesmos. Por este estudo ser realizado somente com idosos praticantes de atividade física regular, pode ser este o motivo para o bom desempenho nos testes, principalmente no MEEM.

Outros estudos mostram que o grau de escolaridade pode fornecer uma melhor função cognitiva dos idosos, o que não conseguimos demonstrar neste estudo.

Ao identificar as alterações cognitivas presentes acredita-se que a Pedagogia poderá contribuir de forma satisfatória, evitando assim a exclusão deste sujeito na sociedade sendo necessário oferecer aos idosos, um modelo de sociedade capaz de possibilitar educação em todos os níveis, para que possamos pensar em um idoso integrado na sociedade com qualidade de vida.

Assim, a qualidade de vida apresenta uma íntima relação com a educação, já que é através desta que garantimos acesso à informação, contribuindo para uma vida ativa com mais qualidade e dignidade na perspectiva de provocar transformações sociais.

REFERÊNCIAS

NERI, A.L; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

CACHIONI, Meire; PALMA, Lucia Saccomori. Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, Elizabete Viana de (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2006. p. 1456-1465.

DIAS, M.S; LIMA, R.M. Estimulação cognitiva por meio de atividades físicas em idosas: examinando uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, 2012.

FARIA, E.C.; SILVA, S.A.; FARIAS, K.R.A.; CINTRA, A. Avaliação cognitiva de pessoas idosas cadastradas na Estratégia Saúde da Família: município do Sul de Minas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.45.n. spe.2, p.1748-52, Dec.2011.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio**, 2012.

FREITAS, Elizabete Viana. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FREITAS, EV, Py L, (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

GURGEL, M.G. A; SISTO, F.F. Estudo correlacional entre inteligência e memória em idosos. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, vol.9, n.2, ago.2010.

GURIAN, M.B.F.; OLIVEIRA, R.C.O.; LAPREGA, M.R.; RODRIGUES JÚNIOR, A.L. Rastreamento da função cognitiva de idosos não institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria. Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.275-83, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, J.C.; RIBEIRO, R.C.L.; LEAL, P.F.G.; COTTA, R.M.M. Avaliação do declínio cognitivo e sua relação com as características socioeconômicas dos idosos em Viçosa-MG. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.10.n.4, p.109-121, dez. 2007.

PRADO, S. D; SAYD, J. D. A Gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.491-501, apr/june. 2006.

QUEIROZ, Zally P.Vasconcelos; PAPALÉO NETTO, Envelhecimento Bem-sucedido. Aspectos Biológicos e Socioculturais. **Importância da Sociabilidade e Educação**.2.ed., rev. e ampl. São Paulo: Atheneu, 2007.

VAN UFFELEN, J.G; CHIN, A.; PAW, M.J.; HOPMAN-ROCK, M.; VAN MECHELEN, W. The effects of exercise on cognition in older adults with and without cognitive decline: a systematic review. **Clinial Journal of Sport Medicine**, v.18, n.6, p. 486-500, nov.2008.

VERAS, R.. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **A Terceira Idade**. São Paulo, v.14, n.28, p.6-29, set.2003.